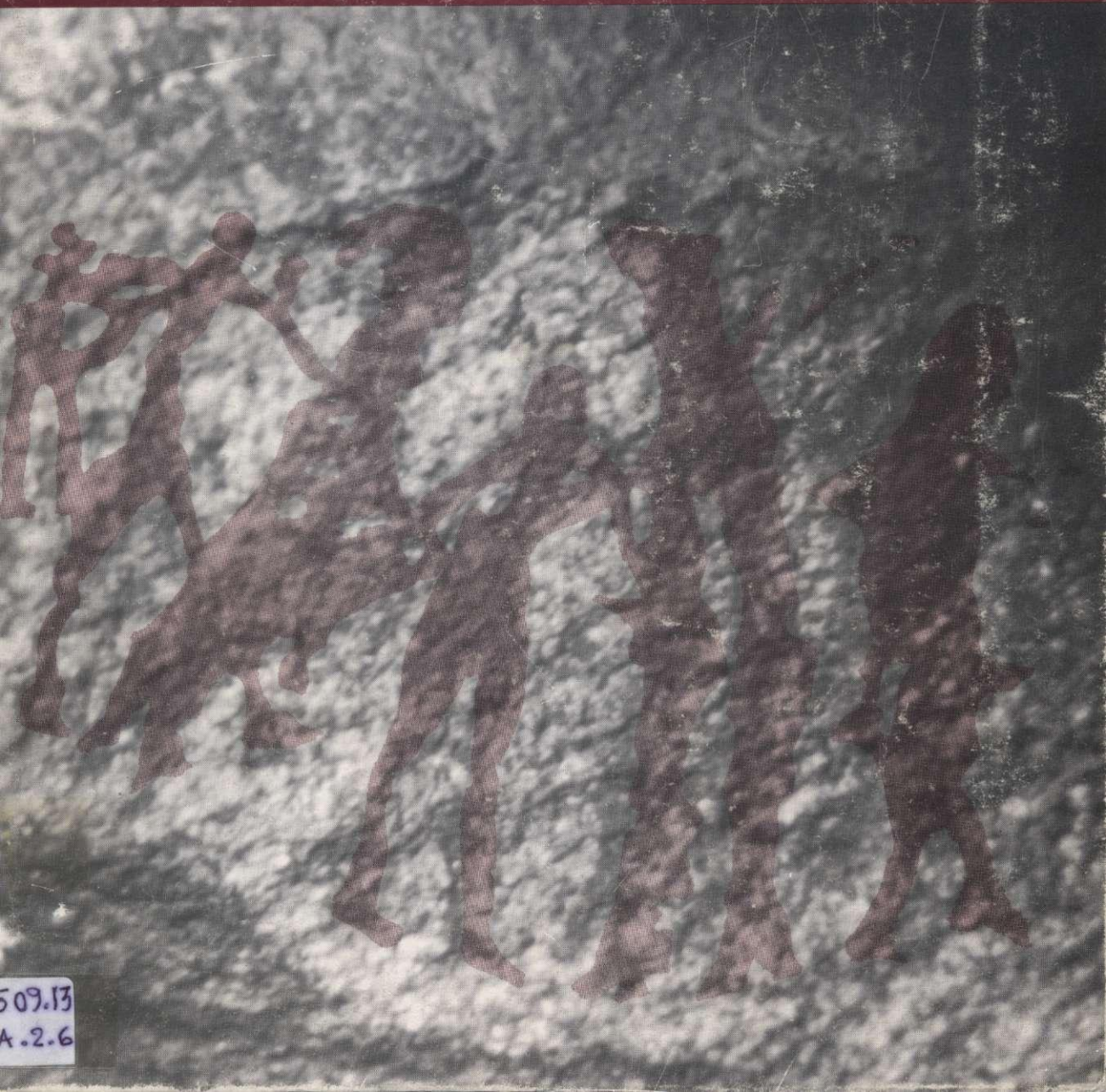


arqueologia

especial
EDUARDO SERRÃO-II

NÚMERO DEZOITO



509.13
A.2.6

Subsidiado pela Fundação C. Gulbenkian e pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Índice

- 1 **Ainda a Homenagem a E.C. Serrão**
- 5 **Geoarqueologia - 2...**,
por F. Real, do M.N.A.E. e do Dep.º Arqueol. I.P.P.C. (Lisboa)
- 8 **Estudo tipológico da estação paleolítica ...**,
por M.L.A. Neves (Lisboa)
- 21 **Aproximacion al estudio del Paleolítico Inferior ...**,
por J.I. Martín Benito (Salamanca)
- 29 **O Paleolítico de Borel Horta ...**,
por G. Zbyszewski (S.G.P., Lisboa) e J.L. Cardoso (U.N.L.)
- 53 **Acerca de um hendidor ...**,
por J.I. Martín Benito e J.M. Benito Alvarez (Salamanca)
- 65 **New excavations in Casa da Moura ...**,
por L.G. Strauss (Univ. New Mexico, U.S.A.), Jesus Altuna (Soc. Aranzadi, San Sebastián), M. Jakes (Univ. Alberta, Canadá) e M. Kunst (I.A.A.)
- 95 **Novas datas de carbono 14 para mamoa...**,
por V.O. Jorge (F.L.U.P.), Fernán Alonso (C.S.I.C., Madrid) e G. Delibrias (CNRS, França)
- 99 **Os vasos tronco-cónicos ...**,
por A.M. Bettencourt, da U.A.U.M. (Braga)
- 105 **Nuevos grupos de arte rupestre ...**,
por E. Alvaro Bobadilla (Madrid)
- 109 **O abrigo com pinturas rupestres ...**,
por V.O. Jorge, A.M. Baptista (P.N.P.G., Braga), S.O. Jorge, M.J. Sanches (F.L.U.P.), E.J.L. da Silva (Univ. Portucalense), M. S. Silva (G.E.A.P.) e A.L. da Cunha (S.R.A.Z.C., Coimbra)
- 131 **Excavaciones arqueológicas en "El Teso del Cuerno" ...**,
por J.I. Martín Benito (Salamanca)
- 157 **O castro "Coto do Mosteiro" ...**,
por L. Orero Grandal (Orense)
- 163 **Nota sobre um denarius ...**,
por R. Centeno (F.L.U.P.)
- 164 **A vegetação da Serra da Aboboreira ...**,
por A.R. Pinto da Silva (Est. Agron. Nac., Oeiras)
- 167 **Intervenção arqueológica em Sta. Maria do Castelo ...**,
por S. Correia (S.R.A.Z.S., Beja), J.C. Oliveira (Beja) e A.I. Santos (M.N.A.E., Lisboa)
- 175 **Inventário e carta arqueológica ...**,
por T. Marques (I.P.P.C., Dep.º Arqueol., Lisboa)
- 179 **Estações e Monumentos:**
A Villa Romana de Freiria, por G. Cardoso e J. d'Encarnação
Bracara Augusta — As Termas da Cidade, pelo I.P.P.C.
- 183 **Correspondência**
- 184 **Museus**
- 188 **Instituições**
- 189 **Ensino**
- 191 **Arqueólogos**
- 198 **Publicações Recentes**
- 200 **Notícias**
- 208 **Recortes**
- Extra-texto:** fichas de introdução à Arqueologia:
- Tafonomia**, por H. Moura
- Trepanação**, A. Bettencourt
- Cerâmica campaniforme (Norte de Portugal)**, por S.O. Jorge
- Civitas**, por J. de Alarcão

- (7) V.O. Jorge (1980), Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião, *Portugália*, nova série, vol. 1, pp. 9-28.
- (8) V.O. Jorge (1982), A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um "tumulus" não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, n.º 6, pp. 32-39.
- (9) V.O. Jorge (1983), Escavação das Mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto. Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, n.º 7, pp. 23-39; V.O. Jorge (1985), Novas datações de radiocarbono para mamoas do Concelho de Baião, *Arqueologia*, n.º 9, pp. 182-183.
- (10) V.O. Jorge (1985), Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, n.º 12, pp. 96-128.
- (11) V.O. Jorge (1980-81), Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante. Serra da Aboboreira — Baião, *Setúbal Arqueológica*, vols. VI-VII, pp. 85-115.
- (12) V.O. Jorge e M. Moreira (1987), Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, n.º 16, pp. 40-50; V.O. Jorge (1988), Datas de Carbono 14 para a Mamoa de Chã de Parada 4 (Baião), *Arqueologia*, n.º 17, pp. 121-124.
- (13) V.O. Jorge (1985), Uma datação pelo radiocarbono para a Mamoa 5 de Outeiro de Gregos (Baião), *Arqueologia*, n.º 12, pp. 94-95.

OS VASOS TRONCO-CÔNICOS DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO CASTELO — SEVER DO VOUGA —

por Ana M.S. Bettencourt

0. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os vasos tronco-cônicos e sub-cilíndricos têm sido motivo de estudos sistemáticos por parte de alguns arqueólogos (M.J. SANCHES, 1980, 1981, 1982; A.M.S. BETTENCOURT, 1982; J.C. SENNA-MARTINEZ, M.F.S. GARCIA, M.J.O. ROSA, 1983/84; S.O. JORGE, 1986) visando essencialmente a problematização de questões que se prendem com a distribuição espacial, a cronologia e o contexto em que estes recipientes se encontram.

Na mais recente síntese realizada sobre o assunto, S.O. Jorge elaborou uma carta de distribuição deste tipo de recipientes onde se verifica que o maior número de achados é proveniente das regiões da Beira Alta e Minho, sendo menos frequentes em Trás-os-Montes, na Galiza e Beira Litoral por ordem decrescente. Esta situação, que não deve ser alheia à escassez de trabalhos de investigação nestas últimas áreas, está a ser colmatada pela apresentação de novos projectos de intervenção arqueológica.

Demonstra aquela autora, que o contexto destas for-

mas cerâmicas é predominantemente tumular, sendo relativamente escassos os exemplares em contexto de povoado.

Em relação à cronologia, S.O. Jorge pensa que estes recipientes podem ter "tido o seu início nos finais do III.º milénio a.C., desenvolvendo-se ao longo da I. do Bronze" (1).

Os vasos que publicamos e que pelas suas características morfológicas se integram nesta família de recipientes são, quanto a nós, um novo dado a inserir nesta problemática.

1. MEIO FÍSICO

O Castelo, local de proveniência destes recipientes cerâmicos, é uma plataforma em esporão da serra das Talhadas, à cota máxima de 528 m e pertencente à bacia hidrográfica do Vouga.

A serra das Talhadas, orientada no sentido NNE-SSO,

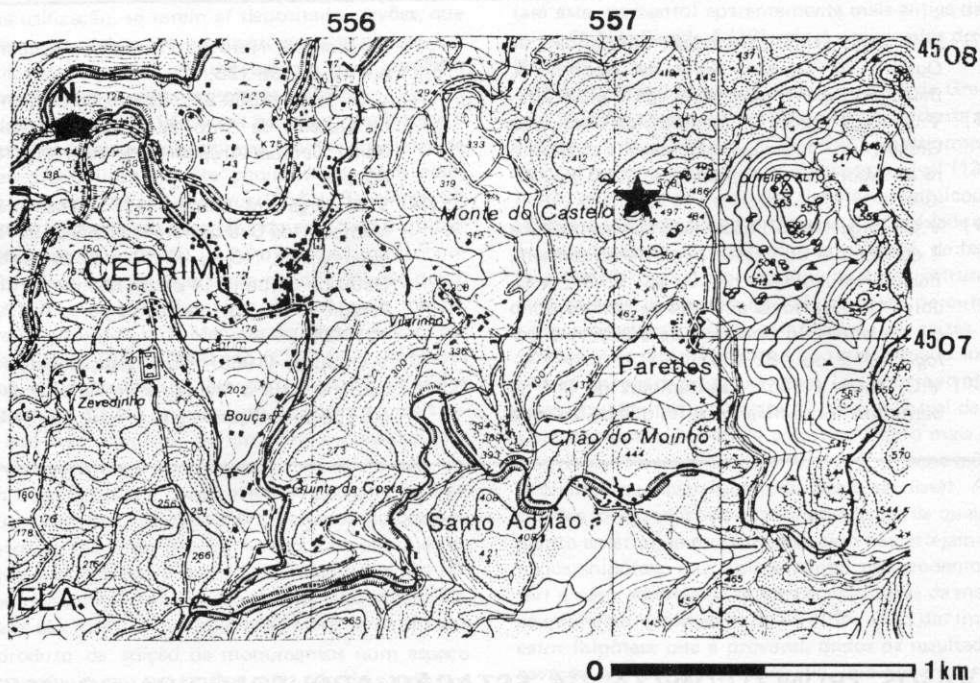


Fig. 1 — Localização da estação arqueológica do Castelo na C.M.P.
Esc. 1/25.000.



Fig. 2 — O Castelo visto de Sever do Vouga.

Fig. 3 — Aspecto das muralhas recentemente destruídas.



é considerada um contraforte da serra do Caramulo, atingindo a sua altitude máxima a 680 m do nível do mar.

É constituída fundamentalmente por granitos porfiróides e por xistos-graníticos-migmatíticos (2).

O Castelo está registado administrativamente no lugar de Sto. Adrião, freguesia de Cedrim de, concelho de Sever do Vouga, um dos mais orientais do distrito de Aveiro.

As suas coordenadas quilométricas na C.M.P., n.º 175, levantamento de 1977 são: M. 557,10
P. 4507,45

A plataforma superior desta elevação é relativamente pequena e encontra-se protegida por afloramentos de granito porfiróide de grão grosseiro, a Norte e a Sul. Os acessos fazem-se pelos lados Este e Sudeste, sendo as restantes encostas inacessíveis, o que faz deste local uma zona com boas condições naturais de vigilância e defesa.

Nas imediações da plataforma superior ocorrem algumas nascentes.

Não muito longe desta estação, a cerca de 3 km para Sudeste, já no concelho de Oliveira de Frades (Viseu) existe um povoado de altura conhecido pela designação de Murado da Várzea (3) e a 1 km para Sul registam-se dois monumentos megalíticos, um dos quais contendo um dólmen de câmara sub-trapezoidal e corredor pouco diferenciado (4). Também no lugar de Alagoas, concelho de Oliveira de Frades, a cerca de 1,5 km para Sudeste do Castelo há notícias de uma necrópole megalítica que ainda não reconhecemos (5).

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO

Parte da plataforma superior teria sido fortificada, co-

mo se comprova pelos vestígios de muralha de tipo ciclópico existentes a Sul e a Este e pela grande profusão de pedra miúda espalhada pela encosta do lado Norte.

Segundo informações de Celso Tavares da Silva (6), o recinto muralhado era restrito, não ultrapassando os 25 m de diâmetro, tendo contribuído para a sua destruição os trabalhos de extracção de pedra aí realizados há algumas dezenas de anos, responsáveis também pela descoberta de um elemento fixo de moinho manual e de fragmentos de vasos cerâmicos lisos de vários tipos e pastas (grosseiros de cor castanha-avermelhada, e finos de cor negra, todos de fabrico manual), alguns dos quais ainda visíveis no local. Entre estes recipientes cerâmicos é de salientar a existência de um bordo decorado com impressões digitais e a ocorrência do 1.º vaso tronco-cónico em estudo (6).

Numa visita recente que efectuámos ao local, recolhemos novos elementos líticos e cerâmicos, entre os quais destacamos uma enxó e um bordo de outro vaso tronco-cónico, aqui referenciado com número 2.

É de salientar a inscultura de forma geométrica, composta por três quadriláteros inseridos uns nos outros com vários apêndices radiais e com uma cavinha central, gravada numa das rochas horizontais do aglomerado rochoso adjacente à muralha e situada no lado Oeste do recinto muralhado (7).

As condições específicas da ocorrência do 1.º vaso tronco-cónico são pouco claras, mas os testemunhos orais de que dispomos (6) sugerem-nos que ele estaria enterrado perto do afloramento rochoso e associado a dois fragmentos de xisto (6). O vaso e estes fragmentos foram recolhidos na época pelo então pároco de Cedrim, o Padre Américo, e mais tarde entregues — só o vaso — ao Cónego Celso Tavares da Silva, que o depositou no Museu do Seminário Maior de Viseu onde ainda se conserva.

O bordo do vaso n.º 2 encontra-se em nosso poder.



Fig. 4 — O vaso tronco-cônico n.º 1.

3. DESCRIÇÃO DOS RECIPIENTES CERÂMICOS

Vaso n.º 1

Dimensões:

Altura — 9,3 cm
Diâmetro da abertura interior — 11,3 cm
Diâmetro da abertura exterior — 12,2 cm
Diâmetro de fundo — 7,5 cm
Espessura média das paredes — 6 mm
Capacidade — < 0,5 l.

Descrição Técnica:

Pasta de textura compacta com abundantes desengordurantes micáceos de pequeno, médio e grande calibre (8) e raros elementos de quartzo de médio e grande calibre (8).

Superfície apenas alisada, no interior e exterior do vaso, de cor castanha-avermelhada com manchas cinzentas.

Descrição Morfológica:

Recipiente aberto, sem decoração, de forma sub-cilíndrica, perfil levemente sinuoso e fundo plano-côncavo, com colo ligeiramente marcado.

O bordo é extrovertido e a extremidade arredondada. É um vaso de fabrico manual, relativamente bem conservado, apenas com fracturas parciais na zona do bordo.

Vaso n.º 2

Dimensões:

Espessura média das paredes — 0,85 mm

Descrição Técnica:

Pasta de textura compacta com desengordurantes micáceos de pequeno calibre (8) e alguns elementos de quartzo de médio e grande calibre (8).

Superfície alisada, no interior e exterior do fragmento cerâmico.

Cor castanha não uniforme, com manchas mais claras.

Descrição Morfológica:

Trata-se de um bordo de um recipiente aberto, cuja parte observada não apresenta sinais de decoração.

O bordo é extrovertido e a extremidade plana.

Pertence a um vaso de fabrico manual.

4. CONCLUSÃO

Dada a ausência de escavações arqueológicas neste possível povoado, não possuímos elementos seguros que nos permitam compreender a sua organização interna bem como a sua articulação com o meio ambiente em que está inserido. No entanto, os dados que reunimos de ordem arqueológica (presença de muralhas, fragmentos de vasos e de um moinho manual, uma enxó, etc.), bem como de or-

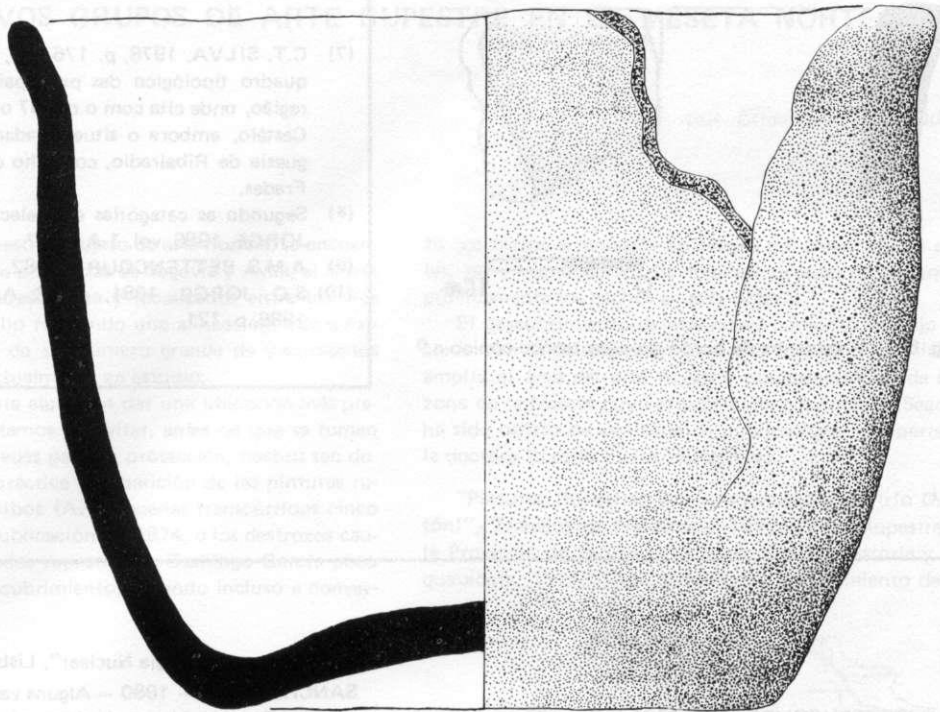


Fig. 5 — Desenho do vaso n.º 1.

0 ————— 30m

dem física (plataforma de esporão, com boas condições naturais de defesa, à cota de 528 m), sugerem-nos estarmos perante um povoado de altura com fortes preocupações defensivas.

Temos, por conseguinte, dois vasos da família dos tronco-cónicos inseridos num provável contexto de povoado, facto não muito comum, principalmente se atendermos à região em que foram encontrados — a Beira Litoral, onde o único exemplar conhecido até à data proveio de um contexto tumular, a Mamoa da Terranha (9).

Embora a cronologia exacta deste povoado seja por

nós desconhecida, pensamos podê-lo inserir talvez na I. do Bronze. Esta ilação é-nos sugerida pelo fragmento de bordo decorado com impressões de dedadas, cerâmica muito comum em povoados deste período numa vasta área peninsular, principalmente durante o Bronze médio e final (10), bem como pela configuração de todos os dados citados anteriormente.

Apesar de não nos ser possível estabelecer a contemporaneidade de todo o material de superfície, por razões óbvias, pensamos poder incluir os recipientes cerâmicos em estudo adentro deste mundo cronológico.

NOTAS

- (1) S.O. JORGE, 1986, vol. 1-B, p. 875.
- (2) J.A. MARTINS, 1962; L.S.M. GONÇALVES, 1974.
- (3) A.A. GIRÃO, 1921, p. 32 e 40.
- (4) A.A. GIRÃO, 1921, p. 31 e 39; A.M.S. BETENCOURT, 1981, p. 27-30.

(5) A.A. GIRÃO, 1921, p. 18 e 40, regista esta necrópole no lugar da Lagoa, cujo topónimo evoluiu actualmente para Alagôa.

(6) Agradecemos todas as informações prestadas pelo sr. Cónego Celso Tavares da Silva sobre a estação do Castelo, bem como as facilidades concedidas no Museu de Seminário Maior de Viseu.

Os fragmentos de xisto por ele observados não apresentavam vestígios de trabalho humano.

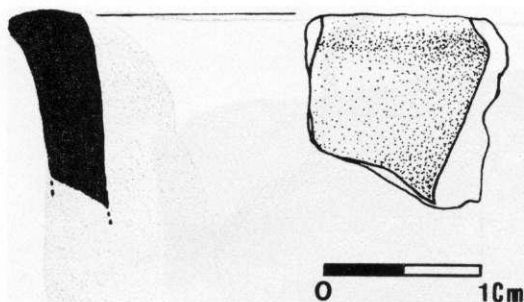


Fig. 6 — Fragmento de bordo do vaso tronco-cónico n.º 2.

- (7) C.T. SILVA, 1978, p. 176-177, apresenta um quadro tipológico das principais gravuras da região, onde cita com o n.º 87 o petróglifo do Castelo, embora o situe erradamente na freguesia de Ribeiradio, concelho de Oliveira de Frades.
- (8) Segundo as categorias estabelecidas por S.O. JORGE, 1986, vol. 1-A, p. 57.
- (9) A.M.S. BETTENCOURT, 1982.
- (10) S.O. JORGE, 1981, p. 72; A.C.F. SILVA, 1986, p. 121.

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, A. — 1981 — *Contributos para o levantamento arqueológico do Concelho de Sever do Vouga*, Coimbra, (Trabalho escolar apresentado no Inst. de Arq. da Fac. de Letras de Coimbra).

BETTENCOURT, A. — 1982 — A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, *Arqueologia*, 5, pp. 40-43.

GIRÃO, A.A. — 1921 — *Antiguidades Pré-Históricas de Lafões*, Coimbra.

GONÇALVES, L.S.M. — 1974 — *Geologie und petrologie des gabiets von Oliveira de Azeméis und Albergaria-a-Velha (Portugal)*, Berlim.

JORGE, S.O. — 1981 — Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 3, pp. 67-76.

JORGE, S.O. — 1986 — *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves — V.ª P.ª de Aguiar*, 3 vols., Porto, Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras.

MARTINS, J.A. — 1962 — *Contribuição para o conhecimento geológico da região do Caramulo*,

“Junta de Energia Nuclear”, Lisboa.

SANCHES, M.J. — 1980 — Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Arqueologia do Porto, *Arqueologia*, 1, pp. 12-19.

SANCHES, M.J. — 1981 — Recipientes cerâmicos da Pré-História Recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 3, pp. 88-98.

SANCHES, M.J. — 1982 — Vasos da estação arqueológica do Covilho — Santo Tirso, *Arqueologia*, 5, pp. 56-61.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; GARCIA, M.F.S. e ROSA, M.J.O. — 1983/84 — Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 105-138.

SILVA, A.C.F. — 1986 — *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, 1 vol., Sanfins, Museu Monográfico de Sanfins.

SILVA, C.T. — 1978 — Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta, *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, vol. 1, Lisboa, p. 167-184.

SOUTO, A. — 1942 — *Romanização no Baixo Vouga (novo “oppidum” na zona de Talábriga)*, Porto.